

Na homilia, dom Luciano fala sobre amor, fé e esperança

por Sérgio Garschagen
de Brasília

Uma cidade vazia. Assim ficou Brasília ontem, após o embarque do corpo do presidente eleito Tancredo Neves para Belo Horizonte, no início da tarde.

As homenagens ao ex-presidente sucederam-se desde anteontem, após a chegada do corpo, velado no Salão Nobre do Palácio do Planalto. Durante toda a noite cerca de 30 mil pessoas visitaram a câmara ardente onde se encontrava o caixão. Desmaios, choros se misturavam às manifestações simples dos brasilienses. Pela primeira vez na história da cidade o povo teve acesso ao Palácio, das 20h20 de segunda-feira às 7 horas da manhã de ontem, quando o presidente José Sarney começou a receber os representantes diplomáticos e os presidentes do Uruguai, Julio Sanguinetti; da Venezuela, Jaime Luschini; do Paraguai, Alfredo Stroessner; e de Portugal, Ramalho Eanes, para a cerimônia fúnebre.

A cerimônia religiosa, com a presença do representante do papa, dom Agnelo Rossi, foi cocelebrada por dez altos dignitários da Igreja Católica: o arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão; o cardeal-primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela; o cardeal de São Paulo, dom Evaristo Arns; do Rio de Janeiro, Eugênio Salles; o capelão militar dom José Newton; além do bispo de Anápolis, Manuel Pestana; dom Lucas Moreira Neves, também representando o Vaticano, dom Geraldo Avila e o secretário geral da Conferência Nacional



Dom Luciano Mendes de Almeida

dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida. Em sua homilia, dom Luciano discorreu sobre o cortejo, a calçada e o caminho, simbolizando o amor do povo por Tancredo Neves, a fé popular que coloca este povo na rua para ver o corpo do presidente eleito passar e também a esperança de mudanças na linha do governo neste novo caminho do País.

A missa teve início às 9h05. O presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, foi muito aplaudido ao subir a rampa do Palácio. Voltou-se quatro vezes para acenar ao povo. Compareceu também o ex-presidente Ernesto Geisel. Isolado pelo cerimonial na última cadeira da fila, destinada aos representantes dos três Poderes da República, Geisel discretamente mudou de lugar e sentou-se ao lado do núncio apostólico dom Carlo Furno, na cadeira destinada ao presidente do Congresso, senador José Fraguelli, que chegou vinte minutos atrasado. Dona Risoleta Neves sentou-se ao lado do presidente José Sarney e da primeira-dama, Dona Marly, ladeada pelos dignitários estrangeiros. Dom Avelar Brandão Vile-

la explicou, durante a missa de réquiem, que a cerimônia simbolizava também a transferência do poder "para quem vai continuar a história".

Após a missa, dona Risoleta e o presidente José Sarney receberam os cumprimentos dos visitantes estrangeiros que, juntamente com os ministros e políticos brasileiros, desceram a rampa do Palácio e seguiram de ônibus até o Ministério da Justiça, onde o corpo do presidente Tancredo Neves receberia honras militares. Isolado por cordões e policiais militares, a multidão gritava "queremos ver Tancredo" e ensaiava acordes do Hino Nacional. Uma faixa vermelha, com uma tarja negra, transmitia uma mensagem do PC do B: "Fica a certeza da unidade do povo para conquistar a democracia".

Seis cadetes das três Armas levaram o corpo do presidente até o carro de combate Urutu às 11 horas. "Dona Risoleta, nós te amamos" gritava a multidão, enquanto o Urutu desfilava, seguido de dona Risoleta, que acenava discretamente, agradecendo as

homenagens. O presidente José Sarney e o deputado Ulysses Guimarães também seguiram o cortejo a pé, até o Ministério da Justiça, onde um pelotão de fuzileiros navais disparou uma salva de festim. O povo cantava "Oh Minas Gerais". Após a homenagem militar, o cortejo seguiu em velocidade moderada pela Esplanada dos Ministérios, dando tempo para que o povo participasse à distância, ao mesmo tempo que impedia aglomerações em torno do carro que transportava o caixão.

O corpo chegou à Base Aérea de Brasília ao meio-dia. Fazia muito calor. A cerimônia de despedida foi mais triste que a da chegada do corpo, no dia anterior. Carregado por seis cadetes — outros seis acompanhavam o caixão —, o caixão foi transportado até o Boeing presidencial. Dona Risoleta se despediu dos religiosos com beijos. Nesse instante, oito caças a jato Mirage, sediados em Anápolis, voavam sobre a cidade, como última homenagem de Brasília ao presidente morto, que passou mais de vinte anos de sua vida nesta capital.